



É possível a psicanálise de crianças?

Eneida Iankilevich, Porto Alegre*

O contato com o inconsciente, com a dor, não é fácil com nenhum paciente e, muitas vezes, usamos medidas defensivas contra o encontro psicanalítico, tão sofrido. Com crianças, talvez, isso se manifeste em certa dificuldade de acreditar na força do inconsciente na determinação de suas ações, das interações, do sentido atribuído a suas vivências. Escutar uma criança desde o vértice psicanalítico impõe o reconhecimento dessa força com que são capazes de nos atingir, ao mesmo tempo em que é essa comunicação entre inconscientes que possibilita acreditar nas possibilidades do instrumento analítico com esses pacientes. Recursos técnicos diversificados são necessários para que as formas de comunicação possíveis às crianças se tornem acessíveis à escuta analítica. A autora postula ser essa escuta o que constrói e possibilita o trabalho psicanalítico, também, com esses pacientes específicos. Neste artigo estuda-se o tema através do processo analítico com uma menina que iniciou sua psicanálise com menos de seis anos e que desencadeava intensos sentimentos de ódio, de desespero e de obstaculização.

Descritores: Psicanálise de crianças; técnica da psicanálise de crianças; inconsciente; resistências na psicanálise de crianças; transferência; contratransferência; contratransferência na análise de crianças; ódio na contratransferência; uso do desenho em psicanálise de crianças.

* Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



I.

A psicanálise de crianças estabeleceu-se com uma controvérsia cujas repercussões extrapolam as fronteiras dessa técnica específica. A história de seu desenvolvimento estrutura um paradoxo: Freud descobriu a força do inconsciente na vida do adulto e suas raízes na infância, na sexualidade infantil. Ainda assim, mesmo quando solicitou a seus colaboradores que observassem e descrevessem o desenvolvimento de seus filhos foi apenas em busca de material confirmatório para suas hipóteses, especialmente quanto à existência de sexualidade e neurose na infância e sua conseqüente repressão. No estudo de caso que disso resultou *Pequeno Hans* considerado por Meltzer (1989, p.78) “o mais encantador ensaio de toda literatura analítica” e “o prelúdio à psicanálise de crianças”, Freud afirma a impossibilidade desse tratamento, a não ser, talvez, se efetivado por um dos pais da criança.

A aplicação dos conhecimentos psicanalíticos à observação do brincar das crianças continuou trazendo elementos ao desenvolvimento e busca de comprovação da teoria psicanalítica, como ilustra a conhecida interpretação do jogo do carretel de um menino de um ano e meio de idade, que hoje sabemos ter sido um neto do próprio Freud (Freud, 1920, p. 25 e seguintes). Utilizada pelo autor com outro objetivo, uma leitura à luz da teoria psicanalítica atual permite reconhecer aí a comprovação da construção simbólica que acontece no brincar, indicando na criança uma mente capaz dessa atividade tão elaborada. Também uma mente inconsciente, constantemente atribuindo significados à experiência e procurando elaborar, transformar essa experiência em sentido. Apesar disso, “seu pessimismo [de Freud] sobre trabalhar diretamente com crianças pareceu impedir todos os demais de trabalhar com elas” (Hinshelwood, 1992, p. 24). A história da psicanálise de crianças, mesmo em versões ligeiramente diferentes (Aberastury, 1979; Hinshelwood, 1992; Roudinesco, 1998), destaca a dificuldade em acreditar na construção de uma técnica efetivamente psicanalítica para o tratamento desses pacientes e, em função disso, sua ligação inicial com a educação. E a que se refere uma técnica especificamente psicanalítica? Àquela que trabalha com o inconsciente. A impossibilidade de produzir associações verbais – modo habitual de acesso ao inconsciente na psicanálise de adultos- do paciente nessa faixa etária foi a princípio considerada impedimento definitivo para tal. Melanie Klein, ao propor equiparar o brincar da criança na sessão com o conteúdo manifesto do sonho – portanto permitindo a escuta do conteúdo latente, inconsciente-, com as



associações verbais do adulto, abriu caminho para o estabelecimento dessa técnica específica de psicanálise.

As controvérsias entre Anna Freud e Melanie Klein e com os seguidores e continuadores de ambas, na sociedade psicanalítica britânica nos anos 1941 a 1945, se iniciaram com divergências quanto à técnica com crianças (Luz, 1994). As questões principais diziam respeito à possibilidade de a criança estabelecer uma neurose de transferência devido à importância da presença dos pais na realidade factual de suas vidas e ao tipo de abordagem terapêutica indicada. Klein postulava interpretações de conteúdo profundo desde logo, e Anna Freud um período preparatório inicial, noção que ela reconsiderou em trabalhos posteriores mantendo, entretanto, outras divergências com Klein. (Anna Freud, 1971, p. 15; 1986, p. 23). Ainda que ambas reconheçam na psicanálise uma técnica dirigida ao inconsciente, a acessibilidade psicanalítica a esse na infância é a divergência.

Na clínica contemporânea essas questões surgem de forma diferente, acredito. A longa experiência de atendimento psicanalítico de crianças com resultados positivos torna possível acreditar-se no método. O desenvolvimento da psicanálise também aconteceu com a psicanálise de crianças. A evolução de técnica e teoria possibilita uma maior compreensão da complexidade desse campo específico de trabalho. Menos que a preocupação com a presença objetiva dos pais na vida dos pacientes, os psicanalistas de crianças têm prestado atenção à possibilidade de a presença dos pais no campo, característica desse trabalho, alterar sua condição de escuta do que o paciente comunica. Ansiedades persecutórias, identificações ou conluios inconscientes com os pais ou com a criança, necessidades infantis ou parentais do analista em busca de satisfação estão, constantemente, ameaçando sua escuta e a efetividade do tratamento, do encontro com o que é específico de cada paciente. Com pacientes adultos os mesmos riscos existem, mas a multiplicidade de papéis efetivamente ativada no processo com crianças pode tornar mais difícil a manutenção da melhor função analítica possível.

Todas essas são reflexões que indicam a especificidade do campo da psicanálise de crianças num contexto já tão complexo como é a psicanálise. Recursos técnicos diversificados são necessários, para que as formas de comunicação possíveis às crianças se tornem acessíveis à escuta psicanalítica. Acredito que é essa escuta que constrói e possibilita o trabalho psicanalítico.

Pretendo, nesse artigo, estudar a luta pela construção do campo psicanalítico no intenso encontro que acontece entre paciente criança e analista. Procurarei pensar os acontecimentos na mente do analista em sua função na difícil e fascinante construção conjunta desse processo.



II.

Estou na sessão com uma menina de três anos e meio que pressiona fortemente a ponta de seu lápis na mesa de trabalho que eu recém adquirira e ela, obviamente, notara ser nova. O que reconheço em mim é uma resposta intensa, predominantemente de raiva. Sinto-me atacada, ameaçada de destruição. Percebo que *me vejo* pegando essa pequenina pessoa pelos braços e tirando-a de sua posição, impedindo-a de continuar o *ataque*. A força dessa imagem me impacta, me faz pensar no quanto minha capacidade analítica pode ser perturbada no trabalho com meus pequenos pacientes. A intensidade de minha reação, penso, fala da intensidade do acontecimento na sessão. Minha resposta persecutória diz respeito, talvez, aos intensos sentimentos (inconscientes?) agressivos, quem sabe invejosos, de minha pequena paciente, sua conhecida reação agressiva como defesa contra a vivência de pequenez, ameaça de perda. Esta experiência evidenciou para mim uma das ameaças a manter-me psicanalista de crianças: a dificuldade de trabalhar em busca de conhecimento do que é inconsciente, do significado dos acontecimentos na sessão. A realidade de nosso poder, representado aqui pela força física, sobre a criança que atendemos pode interferir na neutralidade possível e contínua na procura do sentido inconsciente das comunicações – quaisquer que sejam- de crianças como de adolescentes, tendo em vista que a comunicação realizada por estas faixas etárias é expressa, muito, pela ação.

Essa experiência me tornou mais atenta ao possível abuso daquele poder que nos é conferido pelos pacientes, quando nos tornam objetos transferências. Se, com essa criança, pude perceber claramente o risco de abuso desse poder como forma de me livrar da perturbação gerada em mim por sua expressão sintomática, com adultos esse abuso pode ser mais sutil, talvez mais refinado, mas certamente também existe. Em minha prática psicanalítica acontecimentos no trabalho com pacientes crianças, iluminam questões minhas como psicanalista, justamente por se manifestarem de maneira tão *evidente*.

A força da perturbação que reconheci em mim ante a expressão da menina atesta, acredito, a força da comunicação inconsciente que se estabelece entre minha pequena paciente e eu. Uma força em tudo semelhante à que se manifesta quando estou com um paciente adulto. Talvez seja mais fácil defender-me da perturbação *infantilizando* o paciente, evitando a experiência viva do afeto presente refugiando-me, sem perceber, em medidas racionalizadas como *limites*, ou *educativas*.

O contato com o inconsciente, com a dor, não é fácil com nenhum paciente, e muitas vezes, usamos medidas defensivas contra o encontro analítico, tão sofrido.



Com crianças, talvez isso se manifeste em certa dificuldade em acreditar na força do inconsciente na determinação das ações, das interações, do sentido atribuído às vivências. Escutar uma criança desde o vértice psicanalítico impõe o reconhecimento dessa força com que são capazes de nos atingir, ao mesmo tempo em que é essa força que possibilita acreditar nas possibilidades do instrumento analítico.

Penso que as resistências evidenciadas e sofridas por Freud em sua luta pelo reconhecimento da dramática e intensa vida de fantasias das crianças e dos seres humanos ainda se manifestam de alguma maneira, eventualmente até mesmo em nós, analistas. O risco de “doutrinação” e “produção de submissão” (Winnicott, 1975, p. 75) inerente às interpretações, talvez, resulte da manifestação de momentos de resistências nossas contra a dor mobilizada pelo contato com o inconsciente infantil, que impõe a perda da ilusão no *paraíso perdido*: a vivência do desamparo humano primordial, a desidealização dos *grandes* que protegem de forma absoluta, assim como a perda da ilusão na inocência, amor e pureza absolutos.

Perceber o poder conferido a mim pelo paciente que me torna seu objeto transferencial não apenas me alertou para os riscos de mau uso desse poder, mas também para sua contraparte: o poder que o paciente passa a ter sobre nós quando nos disponibilizamos a trabalhar com ele nesse complexo campo que é a psicanálise. Com crianças, esse poder, quando percebido, ajuda a acreditar na possibilidade de trabalho psicanalítico, na medida em que fala do encontro inconsciente que acontece entre analista e seu, aparentemente, pequeno paciente. Sabemos que analisamos aspectos infantis de nossos pacientes, ou, usando uma feliz expressão de Herzog (2005, p. 292), pacientes “crianças de qualquer idade”. Ainda assim, a força com que respondemos ao encontro na sessão com pacientes biologicamente crianças pode surpreender, mas configura a possibilidade de estabelecer um processo psicanalítico com sua inerente ampliação da capacidade continente e criativa da mente, mesmo levando em conta seu momento evolutivo. E, portanto, ampliação da capacidade de transformação das emoções brutas não digeridas que obstruíam o crescimento. Para tal, a criança utiliza nossa mente, nossa capacidade analítica com uma força que se traduz em nossas reações que convencionamos chamar contratransferências. Essas são um dos polos da “situação analítica como campo” (Baranger e Baranger, 1961, p. 160). Admitir a força de nossas reações, pensar e trabalhar sobre elas, ao invés de evacua-las é tarefa de qualquer análise. Talvez com crianças o risco de racionalizar nossas respostas defensivas seja mais dramático, em função das múltiplas fantasias inconscientes desencadeadas em nós no encontro com esses pequenos seres humanos.

É a partir de uma psicanálise em que fui, profundamente, atingida e



surpreendida por sentimentos violentamente hostis para com uma graciosa menina pequena, a quem chamarei Elena, que pretendo construir as reflexões desse texto.

III.

A vivência de intenso ódio e desespero no atendimento de uma menina que iniciou sua psicanálise com menos de seis anos, correspondente à sensação de embate com forças muito superiores às minhas capacidades terapêuticas, muito me ensinou sobre a dificuldade e os riscos na busca por ser psicanalista, e não só de crianças. O intenso sentimento de obstaculização parecia estranho diante de uma pessoa tão pequena quanto era minha paciente Elena. Ao abrir a porta, deparava-me com uma linda menina, sempre bem arrumada, enfeitada, com longos cabelos cacheados e grandes olhos negros, que entrava com timidez, na sala, aparentemente, sem protestar. Fechada a porta, outra realidade acontecia: sentia-me eu a pequena assustada. Via-me invadida por intensos sentimentos de desespero e preocupação com o processo psicanalítico, com a paciente e comigo como analista. Percebia em mim sentimentos de ódio que se traduziam em fantasias de abandoná-la, livrar-me dela, maltratá-la, que eu reconhecia como expressões desses sentimentos no campo, imaginando que pudessem ser uma pista para o que se passava com a paciente, talvez correspondendo a vivências suas comunicadas via identificação projetiva, quem sabe um equivalente da grave constipação e medos que fizeram seus pais procurarem ajuda? Mesmo tentando manter minha capacidade de pensar como analista, o que percebia em mim era a invasão por sentimentos que pareciam me ocupar absolutamente, dificultando minha escuta de Elena. Sentia-me dominada, controlada e com desejos de vingança. E vivências de impotência: parecia ser *derrota* a única possibilidade dessa tentativa de trabalho psicanalítico.

Como em todos os acontecimentos humanos diferentes estados mentais estão implicados, observar uma criança que brinca ou brincar com uma criança pode resultar em interações diversas: pode-se usufruir livremente do prazer do jogo compartilhado com esse pequeno ser humano que descobre o mundo; pode-se utilizar sua curiosidade e imaginação para direcioná-lo em busca de produzir alguma aprendizagem necessária à vida em sociedade ou que desejamos que adquira; pode-se aprender sobre a vida; pode-se buscar o sentido não consciente do que está colocado em cena, para citar apenas algumas possibilidades. O campo constituído depende também do que o adulto faz. Em psicanálise é a postura do analista de acolhimento, escuta, busca de compreender o sentido das vivências



que constrói o *setting* que possibilita a análise. É outra forma de brincar, peculiar à análise.

Atendemos crianças que estão impossibilitadas de brincar, usufruir do estado mental que possibilita o brincar na concepção de Winnicott (1975, p. 76). Brincar que é o funcionamento ótimo de uma mente livre, em pleno desenvolvimento. Klein (1927) considera a dificuldade ou impossibilidade de brincar o sinal mais evidente de patologia na infância. Essa seria a razão para precisarem de análise. Nem sempre essa impossibilidade é facilmente percebida: em alguns processos analíticos descobrir que o jogo não constitui verdadeiramente brincar, podendo ser um jogo defensivo, às vezes funcionando como o que se poderia chamar racionalizações em adultos, diferente do que se conhece como jogo estereotipado, é uma conquista importante do processo.

Com Elena, o que me fez indicar psicanálise foi justamente a impactante descoberta dessa sua impossibilidade. Nas sessões de avaliação havia, como de hábito, material gráfico e brinquedos disponíveis. Elena falava quando eu lhe perguntava alguma coisa, olhava-me, fazendo algum contato, mas não usava nenhum dos recursos, não tomava nenhuma iniciativa, ainda que fosse capaz de executar bem as tarefas e mantivesse contato visual comigo. Nessas sessões recusou-se a entrar sozinha, exigindo a presença do pai ou da mãe, para visível desconforto deles, que estavam muito motivados para seu tratamento. Penso que a paciente mostrou-me desde logo como fazia para que os pais agissem sem que ela precisasse dizer nada. Por exemplo: estendia o braço para o pai arrumar a sua manga. Olhava para mim, parecia-me que desafiadoramente, enquanto isso acontecia. Eu percebia já viver uma intensidade de emoções não usual em minha prática nessas sessões iniciais. À sua apresentação, que parecia tímida, cordata, eu me sentia respondendo com sentimentos de desafio que me causavam estranheza. Repentinamente, em uma dessas sessões iniciais, *fui atingida* pelo pensamento de que ela não sabia brincar. A sensação de convicção a partir dessa impressão foi bastante forte: a pobreza de sua vida de fantasias se fazia evidenciar. Assim como sua tentativa de controlar a situação em busca de evitar o impacto de sentimentos despertados no contato comigo, pensei. Da mesma forma que o controle que me parecia exercer – e de fazer questão de mostrá-lo – sobre os pais com seus sintomas de evitação, isolamento.

Feita a indicação, foi iniciada a análise quatro vezes por semana. Elena seguia não entrando sozinha. Entrava com a mãe ou o pai, com quem ficava se comunicando, com poucas palavras, excluindo-me. Eu mostrava como precisava ainda deles, pois Elena e eu não nos conhecíamos ainda, não sabia o que poderíamos fazer juntas para tentar ajudá-la a não se sentir tão assustada. Aos



poucos, uma sutil modificação foi-se fazendo notar: fazia com que o pai presente cumprisse suas determinações sem palavras, pegassem coisas para ela, mas os pais começaram a mostrar sinais crescentes de irritação e constrangimento. Assinalei seu desejo de deixar claro para mim *quem mandava* e disse-lhes achar que não precisava mais deles na sala. Olhou-me diretamente por longos momentos – o que não era o comum, pois até então *me ignorava* – deixando os pais muito angustiados, enquanto eu ia tentando descrever os acontecimentos. Não disse nada.

Na sessão seguinte, abri a porta como de costume, mas, para minha surpresa, entrou sozinha. Sentou à mesa. Isso também foi diferente, visto que até então costumava ficar sentada no colo do pai que estivesse presente, mais adiante, não no colo, mas ao lado, na mesma cadeira que o acompanhante. Nunca antes se posicionara independentemente deles. Tinha, nas sessões anteriores, iniciado algum movimento, a princípio com o olhar, em direção à mesa das crianças. Nessa primeira sessão, em que entrou sozinha não falou comigo, não mexeu em nada. Ficou toda a sessão sentada, sem se mexer ou falar. Durante muitas sessões, a partir desta, repetiu-se a situação: ficava sentada diante de mim, me olhando em silêncio. Eu procurava descrever o que me parecia ser seu desejo de me conhecer, seu temor do que pudesse acontecer sem seus pais presentes, mas também seu desejo de fazer diferente, tanto que entrara sozinha. Perguntava-me, e perguntava a ela, se estaria apenas atendendo a algo que pensava que eu e os pais queríamos, porém minha impressão era de que queria ajuda.

Já tinha sua gaveta de brinquedos, então, que permanecia intocada. Procurei mostrar como não usava recursos que sabíamos ter, não só de entendimento como recursos para falar comigo através dos brinquedos, daquilo que guardara em sua gaveta – a qual chaveara cuidadosamente –, quando a indiquei, tendo antes guardado todo o material que eu lhe dispusera. Passou a pegar a chave da gaveta em todas as sessões, ficando com ela fechada em sua mão. Eram sessões difíceis, silenciosas, mas vinha a todas e eu sabia, pelos pais, que levantava e se aprontava sem que lhe fosse pedido. Interpretei sua necessidade de *segurar-me e ao que pudesse acontecer, por não saber como seria, quem sabe como ainda precisava fazer com o cocô, mesmo doendo*. E eu sabia que o pediatra temia que fizesse um feccaloma e reconhecia o quanto isso me preocupava, temia também por sua saúde física. Aparentemente, nenhuma resposta, mas pouco a pouco começou a falar algumas palavras comigo e a examinar os brinquedos da sala, nomeando-os. Por mais que tentasse, não consegui nomear, (*reconhecer?*) um vaso sanitário (*patente*) da casa de bonecas. Diante da força do acontecimento, vi-me falando sobre suas dificuldades com *o cocô que vai embora*. Meus sentimentos de



preocupação, desejo, frustração, eram intensos e eu sabia que ocupavam o campo. Sentia um embate crescente entre nós e me parecia inevitável viver isso com Elena. Ainda que seguisse silenciosa e esquivada, agora falava comigo, e para mim era importante sentir que *fazíamos alguma coisa juntas*.

Nesse processo, que eu sentia como de aproximação, em algum momento mudou, que não consigo identificar, começou a esconder-se e recusar-se a falar comigo, indo para o lado da sala mais distante de mim. Entrava sem me olhar como fazia quando iniciamos as sessões, ia direto à parte da sala onde estão as cadeiras de adultos, sentava atrás delas, ficando toda a sessão ali, sem falar comigo. Completamente fora de minha vista, pois as poltronas são grandes e ela pequena. Fazendo uma retrospectiva dessa situação, posso levantar a hipótese de que a intensificação da relação, com a referência direta às dificuldades de separação, tornou o encontro muito difícil, assustador, levando-a a tentar negar a relação concretamente – não me via, não estava comigo, não se separava. Teriam sido as interpretações precoces? Teria ela se sentido invadida, atacada, como eu me sentia? Eu não sabia. E não conseguia contato com Elena, que seguia entrando sem me olhar, indo para trás da poltrona que ficava bem à minha frente, aí permanecendo toda a sessão, sem emitir o menor som.

Isto durou quase um ano. Meus sentimentos de desespero, desânimo e ódio são fáceis de imaginar. Ao mesmo tempo, penso que algo em nossa comunicação me fazia acreditar que Elena precisava estar ali comigo, fazendo isso, o que eu lhe dizia: ainda não entendíamos bem o que era, mas esse seu jeito nos falava de algo. A falta absoluta de qualquer reação verbal às minhas palavras, a impossibilidade de perceber alguma resposta, desencadeavam sentimentos violentos em mim. Minha vontade era obrigá-la a sair dali. Ou sair eu, ir embora, não precisar mais tolerar todos aqueles cinquenta minutos, a cada vez. Ainda assim, a cada final de sessão eu me surpreendia tendo ficado com ela todo o tempo. Sempre me parecia que eu não iria aguentar, até pensava, com raiva, que para ela era mais confortável. E reconhecia o absurdo desse sentimento. Winnicott (1947) considera o ódio na contratransferência “um aspecto do tema ambivalência” (p. 341). Refere inevitável tal sentimento na análise de psicóticos. Penso que no encontro com material primitivo, quem sabe menos deformado em crianças, respostas contratransferências violentas podem acontecer. Por um lado, expressam a ambivalência na relação, mas sinalizam também para a força primitiva do vínculo estabelecido. Winnicott (idem) enfatiza a importância de ser o analista capaz “de distinguir com clareza seu próprio ódio e ter consciência dele” (p. 341). Com Elena, não me foi possível não ter consciência do que eu sentia. E do ódio que me parecia ela sentir. Eu percebia estarmos ambas, violentamente, empenhadas em



seguir juntas lutando pela construção desse espaço em que os sentimentos podiam ser vividos, em busca de sobreviver com eles mais do que a eles, de conseguir pensá-los, transformá-los.

Houve férias, nesse período *atrás da poltrona*. A paciente não pareceu manifestar reação alguma. Eu dizia que, quem sabe, não me vendo eu não existiria, não faria diferença estarmos juntas ou separadas. Depois das férias, após um longo período em que permanecia atrás da poltrona, começou a sentar-se na cadeira da mesa, mas de costas para mim. Permanecemos assim meses a fio. Todas as hipóteses que me ocorriam eu verbalizava. Falava de sua necessidade de me botar a ser a única interessada no que fazíamos, enquanto ela tentava *me trancar*, como um cocô, quem sabe para não precisar sentir nossas separações. Também falava da possibilidade de que se escondesse de saber que não conseguia fazer o que desejava, como brincar na piscina, ou com os cães, como me contavam os pais. Alguma evolução aconteceu, ao longo desses anos em que manteve essa conduta: de alguma maneira, a comunicação entre nós acontecia. Mas era muito difícil para mim saber se era assim. Em algumas sessões meu desespero levou-me a perguntar-lhe o que queria de mim. Também não respondia. Dizia-lhe acreditar que ela não sabia fazer diferente e esperava que eu pudesse compreender seu desejo ou necessidade sem que me dissesse, quem sabe como um bebê acredita que a mãe deve fazer. Ou mostrava-lhe sua necessidade de me maltratar, quem sabe para ter certeza de que eu a queria? Tentava mostrar o ódio que eu percebia, em mim e nela, dizendo-lhe que devia estar muito braba, querendo que eu soubesse como é estar furiosa sem entender bem a razão. Também mostrava sua tentativa de me fazer entender como é terrível sentir-se incapaz (impotente, eu pensava) diante de situações que pareciam terríveis, incompreensíveis e fora de nosso alcance mudar. E como precisava fazer-me compreender quão terrível é estar-se solitária mesmo na presença de pessoas importantes para nós. Sua tentativa de me testar para ver se ficaria com ela foi assinalada.

Os outros pacientes, as separações, nada, aparentemente, fazia diferença para ela. Numa ocasião, em desespero ante a ausência de qualquer resposta, perguntei-lhe se queria interromper a análise. Olhou-me e sacudiu a cabeça afirmativamente, numa primeira resposta direta, ainda que gestual. O impacto foi grande para nós duas. Em mim, reconheci, teve o efeito de um contrato estabelecido. Senti-me aliviada e decidida a continuar tentando. Pela primeira vez, senti confiança em contar com Elena como parceira. Sabia que isso não atendia a uma lógica racional, mas desde esse momento foi menos difícil estar com ela, vivenciar os sentimentos de caos, ódio, desespero, impotência que caracterizavam nosso encontro. Penso que a verbalização da solidão no campo



possa ter sido essencial nisso. A partir dessa sua resposta, senti-me menos sozinha, mais esperançosa com nosso trabalho. Imagino ter sido essa uma vivência compartilhada, agora podíamos acreditar em todos os momentos dessa análise tão intensa.

As sessões, ainda assim, seguiam muito difíceis. Ajudavam-me as declarações dos pais de como eu me tornara assunto da família, Elena queria trazer o irmão para me ver, debochava de mim, inventava musiquinhas que me ridicularizavam. E, já há algum tempo, o trânsito intestinal normalizara. O alívio e gratidão dos pais eram grandes. Contavam que, apesar de haver ainda muitas dificuldades, algumas mudanças aconteciam em sua vida social. Elena estava já no segundo ano, muito bem cognitivamente.

Havia algo que Elena mesmo me comunicava e me fazia convicta de que não desistiríamos. Lentamente, alguns temas de sua história pareceram começar a fazer sentido no contexto da história da análise e serem compreendidos: o afastamento do pai por alguns meses, motivado por imposições de trabalho, quando a paciente tinha em torno de quatro anos; o nascimento do irmão na época em que a família pôde voltar a viver junto. Nas sessões, pequenos movimentos aconteciam. Um jogo – violentamente chocante para mim – com a gaveta começou: girava a chave, via se abria a gaveta, fechava. Sempre sem me olhar, mesmo estando em minha frente. Comecei a mostrar sua necessidade de me ter muito presa a ela, ao que se passava dentro dela, de ter minha mente presa a ela. Começou um outro jogo, em que escrevia ou fazia coisas que eu não podia ver e escondia na gaveta. Meus sentimentos contratransferenciais me serviram de guia, pela intensidade do ódio e exclusão que eu sentia. Comecei a interpretar seu desejo de que eu não existisse a não ser para ela e nela, de que eu não pudesse mais atender ou existir para ninguém, presa ao que ela me escondia. Começou a fazer desenhos em folhas que colava como se fossem uma só. Dizia-lhe que só se sentiria bem comigo se fôssemos uma só, quem sabe como a mãe e ela, sem irmão, sem pai. Como se só, assim, pudéssemos acreditar em nossa ligação. Ainda que parecesse não fazer diferença, a comunicação intensificou-se, passou a fazer gestos em resposta ao que eu perguntava ou mostrava. Em mim, oscilavam sentimentos de ódio e desespero com outros de pena e compreensão de seu drama, de sua própria prisão interna. Nesses, dizia-lhe que era uma pena que não pudesse, ainda, usar o que já sabíamos de sua capacidade, entendimento, recursos. Perguntava-lhe do que tinha tanto medo, talvez, de saber que eu era outra pessoa e que isso representasse para ela a sua não existência para mim, a menos que me trancasse como um cocô? Minha colocação de seu desejo de eu não existir, a não ser quando com ela, encontrou confirmação no que começou a fazer com os bonecos, que eram



colocados em lugares rigidamente determinados, impedidos de qualquer movimentação.

Por essa época, eu disse que sairia de férias por alguns dias. Avisei, como de costume, com antecedência. Elena fez desenhos em que raios horríveis me atingiam. Foram sessões relaxadas e divertidas, essas em que *me estragou as férias*. Quando retornei, em dez dias, permaneceu silenciosa por uma sessão inteira. Na sessão seguinte, conversamos sobre o medo de que a separação tivesse estragado tudo entre nós através dos raios com que imaginou me atingir. Começou, então, um desenho que durou inúmeras sessões e marcou uma mudança significativa de seu mundo interno: desenhou dois carros enfileirados diante do que me parecia ser um semáforo. O desenho era apenas com lápis preto. Perguntei-lhe se sabia a cor que estava o sinal. Ficou me olhando. Disse-lhe achar que era vermelho. Olhou-me, vivamente, interessada. Pegou o lápis de cor vermelha, marcando o semáforo. Sugeri que os carros éramos nós, tentando ajudá-la a não ficar parada na estrada de sua vida, pelo sinal fechado. Entendemos o desenho como seu reconhecimento de um mundo rico dentro dela que a impedia de existir por manter o sinal fechado, ainda não sabíamos muito bem o porquê. Foi-se evidenciando a dor e o medo de perceber que só ela poderia abrir esse sinal, queria minha ajuda para abri-lo e era para isso que vínhamos trabalhando desde o início.

A partir dessa sessão, começou a tentar dizer “ó”, cumprimentar-me ao entrar, o que fazia baixinho, escondendo a boca, mas falava. Pouco a pouco, começou a usar mais palavras comigo para responder. Era muito emocionante para nós duas. Optei por não fazer menção direta ao fato, mas conversar com ela, aproveitando as palavras que lhe eram possíveis. Em determinado momento, pude mostrar-lhe como era bom sabermos que podíamos conversar, saber uma da outra. O desenho, constantemente, interrompido e retomado, sinalizava os movimentos no campo. Nessa sessão, o sinal ficou amarelo.

Ainda assim, era terrível para nós o reconhecimento de seu impedimento interno, o *sinal fechado*. Começou a interessar-se pelos jogos que estavam no consultório: pegava um jogo, evidentemente querendo jogar, lia as instruções, organizava com rigor as pilhas de cartões e as peças, mas não podia jogar. Não sabia e não suportava que eu soubesse, pudesse ensiná-la. Mais do que aspectos obsessivos, onipotentes, entendíamos que eu saber e ela não, seria prova de minha alteridade, de que havia algo em minha mente que não compartilhava. O que lhe parecia inviabilizar a relação. Essas foram sessões terríveis, plenas de dor para ambas. Eu reconhecia – e lhe mostrava – a tentativa de admitir que não sabia e eu sim, significando nossa existência separada, mas a impossibilidade de suportar



isso, seu – nosso – sofrimento, por medo de que a discriminação impusesse o isolamento, a impossibilidade de amar e ser amada.

Sairia, nessa época, de férias com a família. Conseguiu falar um pouco sobre isso comigo. Na volta, retomou a posição escondida, não atrás da cadeira, mas virando-me as costas, em total mutismo, hostil e distante. Essa conduta durou duas semanas terríveis, em que me parecia ter perdido para a doença, ter ela *optado* pela manutenção da ilusão de fusão. Desesperadamente, interpretei sua necessidade de me fazer não existir quando estava fora, seu ódio e desespero ao me ver existindo, quando ela não estava, ter seguido existindo para os outros, sua necessidade de me castigar pelo medo de que tivesse desaparecido de dentro de mim. Seguiu inatingível, distante, a conduta inalterada. Eu lhe dizia que ela queria que eu soubesse como era terrível querer estar com alguém e este não permitir, mas nada parecia mudar. Passou-se o segundo fim-de-semana da volta de suas férias, mostrei-lhe que não soubéramos uma da outra, mas ali estávamos, juntas e lutando para assim ficar, como já fizéramos tantas vezes. Elena, então, me surpreendeu dizendo: “Eneida, tu queres que eu te traga minhas fotos de pequena, para vermos?”, e passamos toda a sessão conversando sobre as férias, o que fez lá, seu irmão que não gosta de se apresentar nas festas do colégio, ela agora até gosta, sempre participa, falando, falando, falando. Estamos encantadas, percebo. Não digo nada, acredito que estamos vivendo plenamente esse momento, e que sabemos a importância do que está acontecendo.

Na sessão seguinte, traz o seu álbum de bebê, “menos as fotos que a mãe tirou quando o pai estava trabalhando fora”. Passamos a sessão vendo as fotos, sou apresentada a toda a família, é uma sessão que nos deixa muito felizes. Digo que é bom podermos olhar para ela, sua vida, sua história, podermos existir uma para a outra. Que pode *se apresentar* para mim ao reconhecer que sou outra pessoa. E por sermos pessoas diferentes podemos contar histórias uma para a outra, nos gostarmos, nos odiarmos. Assim podemos nos conhecer e saber que queremos estar juntas. Olha em meus olhos, assenta com a cabeça. Vai me mostrando como é diferente nas fotos, à medida que vai crescendo. Comentamos sobre essas diferenças, nos divertimos muito. Estamos emocionadas. Mostro que já acredito que crescer pode trazer coisas boas. Mostra uma foto em que o pai não está. A mãe parece triste, comenta. Pergunto-lhe se quer me contar sobre o tempo que esteve separada do pai e o quanto isso foi algo sério em sua vida. Concorda enfaticamente.

A modificação em seu mundo interno e, portanto, externo, assim como em nossa relação, ia sendo *narrada* pelo desenho do semáforo que assinalara essa evolução: a mesma folha, ao longo dos anos, ia sendo palco de transformações



tamanhas que já pouco se percebia do tímido desenho feito a leves traços de lápis preto. A memória permanecia em nós. Era necessário, a cada sessão em que o desenho era utilizado, que percorrêssemos novamente sua história, nossa história. A cada vez que fazíamos isso, novos dados, novos entendimentos, novas versões do *sinal fechado* e tudo o que simbolizava enriqueciam a conquista de Elena. Isso tudo nos ensinava a importância de seus sintomas, um grito de socorro que se fez ouvir e possibilitou a construção desse longo caminho que foi tornando-se possível para a paciente reconhecer-se, desenvolver um sentido de identidade própria, escutar, contar e fazer com que sua própria história fosse ouvida. À medida que pude ir conhecendo a menina encantadora que minha paciente ia se tornando, conheci melhor seus talentos e capacidades. Acredito que a força desses se manifestou na força com que os sintomas e também as resistências e a adesão à análise aconteceram. A capacidade de sentir intensamente pode ser um obstáculo ou uma possibilidade. A experiência de sobrevivermos juntas à não compreensão, durante tanto tempo predominante no campo, e continuarmos lutando para acolher as emoções, pensá-las, ajudou a fazer acontecer essa análise também tão dolorosa. Foi muito intenso acompanhar Elena ir transformando sua força em desenvolvimento, liberdade.

Pouco a pouco os carros *não estavam mais sozinhos*, muitos outros chegavam àquele semáforo. O sinal amarelo começava a piscar. Elena contava conversas com os colegas, especialmente as meninas, “porque os guris são uns idiotas!”. Trabalhos em grupo tornaram-se assunto frequente. Grandes competições com os outros grupos, apresentações na frente da turma e a seguir diante do colégio, interesse e talento para a música foram aparecendo. E prazer nas atividades e no convívio com os outros. Com o irmão, uma posição protetora foi mudando para uma de companheirismo em meio a brigas que apreciava muito. Os pais – e eu, especialmente- tornamos alvo de críticas bem humoradas, sempre precisas. Acima de tudo, podia brigar, reclamar, não ter razão. E desejar. A modulação da agressão precisara ser experimentada e construída na relação comigo. Talvez eu, *não deprimida*, seria forte para fazer frente e viver com ela sua violenta necessidade de mim, sobrevivendo a essa. Acredito que precisava de mim como objeto *não triste*, de quem não precisasse cuidar, de quem pudesse apenas exigir. Penso, agora, em sua capacidade de amar impedindo sua exigência da mãe percebida como triste, frágil a quem sentia precisar cuidar para poder ter. Para poder aproveitar do amor que também sentia ter a mãe por e para ela.

Não só mais carros chegavam ao semáforo, agora pessoas paravam, ora querendo atravessar a rua, ora por encontrar algum amigo, ora para olhar os carros ou esperar que o sinal mudasse. Quando o semáforo ficou verde, a folha estava



toda ocupada e cheia de vida. Comentamos como o sentimento de solidão, de exclusão, mudara, como sua imaginação enriquecera a história. Emocionada, Elena contou os personagens que estavam no desenho: 97! Era preciso sair da folha, tanta vida ela já continha, tanta vida havia ainda para acontecer, ser usufruída. Assim, quase seis anos depois de nosso primeiro encontro, começamos a tratar sua alta.

Desse longo e emocionante período, com momentos de dúvidas, receios, insegurança, dor pela separação que se aproximava e outros de prazer, convicção de um bom trabalho realizado, confiança renovada na força de nossa relação e na capacidade reflexiva e criativa construída, gostaria de salientar dois momentos.

Elena estava sentada, pernas cruzadas, em cima da mesa de trabalho, bem próxima de mim, sentada em minha cadeira habitual. Olhava-me intensamente, agora uma menina alta, púbere, bonita e cheia de vida. Seu olhar foi mudando, um sorriso levemente irônico começou a delinear-se em seu rosto. Como a conhecia, perguntei “tá, o que foi?”, em tom brincalhão, já imaginando que seria alvo de alguma de suas observações argutas que marcavam a alteridade, a identidade. “Bá, esse teu batom não combina de jeito nenhum com essa tua roupa, né, Eneida?!”, disse-me ela em tom muito alegre, evidentemente, divertindo-se.

Destaquei esse momento, porque conhecera uma menina que não podia olhar, não podia pensar, tamanho o receio de não poder existir para o outro. Agora encontrava uma púbere marcando a diferença de gerações, assinalando minha falha, as duas felizes pela confiança que permitia essa liberdade. E uma menina com identidade feminina clara. Vaidosa, competitiva, observadora, bem humorada, divertida. Em pleno desenvolvimento.

O outro foi um momento da sessão de despedida. Nos despediríamos na porta, dessa vez não até amanhã. Havia forte emoção no campo, um sentimento de esperança e confiança coloria a dor da despedida. Elena começou a relembrar nossa trajetória. Falando sobre o difícil período em que estive atrás da poltrona, disse não entender ainda, porque fazia isso. Comentei ter sido muito difícil para nós duas. Talvez nunca viéssemos a saber o porquê de ter sido assim, mas juntas conseguimos sobreviver e descobrir um mundo rico dentro dela e isso sempre seria fonte de confiança para nós. Elena me olhou nos olhos e constatou: tu ficavas desesperada, né? Pensei, então, que ser capaz de me desesperar, me ver desesperada, talvez tivesse sido necessário para acreditar que eu me importava. Disse-lhe que ambas aprendemos o quanto ser importante uma para a outra podia parecer perigoso, já que, como ela mesma estava contando ter visto em mim, a gente podia ficar desesperada, sem saber o que fazer. Séria, comentou que tínhamos aprendido que, mesmo assim, não era preciso fechar o sinal.



No momento da saída, escolheu, para levar com, ela, o desenho do semáforo. O sinal agora aberto para odiar que nos ensinou que assim se aprende a amar. A longa e dolorosa luta conjunta por abrir o sinal nos ensinou que fechando o sinal para um sentimento fecha-se o sinal para o sentir. Para viver.

IV.

Do muito que aprendi no processo analítico com Elena, talvez tenha sido essencial a experiência de questionar e depois poder retomar com mais convicção alguns marcos referenciais de minha prática clínica. A vivência de desejar, ardentemente, livrar-me da paciente, vingar-me dela, foi muito dolorosa. Inúmeras vezes coloquei em dúvida minha capacidade como psicanalista. Não só de crianças. Duvidei do instrumento e reconheci que preferia duvidar do instrumento do que de minha capacidade. Tive ímpetos de sugerir aos pais que procurassem outro analista. Foi muito difícil suportar a idealização que percebia neles e sabia inevitável. Queria encontrar na história de vida da menina justificativa para seus graves sintomas e sabia que isso era uma racionalização, uma defesa. Porque acredito que a história da análise é a fonte da construção da história do ponto de vista do paciente, a única versão que importa, que pode ser pensada, transformada, levando ao crescimento, ao desenvolvimento da mente que é o melhor resultado da psicanálise. Reconhecia-me muito preocupada com os sintomas de minha paciente. Sintomas que geravam preocupação, mas que eu sempre acreditei pudessem desaparecer com o fortalecimento da capacidade da mente de acolher, transformar emoções brutas em pensamento, sentimento, sonho, crescimento, significado, na linhagem teórica com que me identifico. Também notava minha angústia em satisfazer os pais amorosos, sofridos e desejando ajudar a filha a ponto de não serem mais capazes de colocar os limites essenciais ao crescimento. Perguntava-me, por outro lado, se não estaria precisando mostrar-me melhor cuidadora do que eles, por medo de reproduzir na análise o que eles sentiam ser fracasso deles como pais. E, acima de tudo, temia que tão intensos e contraditórios sentimentos obstruíssem minha mente, impedindo minha participação na construção desse processo analítico. Estava eu, também, sob o jugo da crença num poder onipotente que perpassava todas as instâncias do campo?

Gostaria de acrescentar que, em certos estádios de certas análises, o ódio do analista é procurado pelo paciente e, neste caso, o ódio objetivo se faz



necessário. Se o paciente busca um ódio justificado ou objetivo, ele deve consegui-lo, caso contrário não conseguirá sentir que pode alcançar o amor objetivo.” (Winnicott, 1947, p. 348).

Ter podido odiar minha paciente pode ter sido o que ela precisava, segundo ensina Winnicott. Mas ler num livro de autor que admiramos e viver a intensidade da emoção na sessão são situações diferentes. Na sessão, eu não tinha como recorrer a Winnicott. Aprendi que uma emoção intensa como a que vivi com Elena ocupa nossa mente de maneira tão absoluta que só depois podemos elaborar, transformar em aprendizado e tornar útil para o trabalho analítico o que vivenciamos. Portanto, reaprendi com minha paciente que a psicanálise é uma experiência emocional, uma vivência. E que, *fechando o sinal* para alguma emoção, perde-se a capacidade de viver as emoções. Elena precisou que eu a odiasse, precisou me odiar para acreditar na força da relação, para acreditar na capacidade de amar que sobrevive, porque esta não é destruída pelo ódio.

O desespero que tantas vezes me tomou, a frustração, a incerteza quanto ao futuro da análise, a sensação de não ter a menor ideia do que estava fazendo foram vivências terríveis. Precisei pensar muito, depois de cada sessão, para recuperar pelo menos um pouco da esperança no caminho que vínhamos trilhando. Na última sessão, Elena confirmou para mim e em mim o valor da capacidade negativa de que nos fala Bion, quando selecionou assinalar meu desespero como marco de nosso trabalho. O que, enquanto sentia, eu não sabia. Talvez eu tenha podido *aprender com a experiência* que, da capacidade negativa, mais que suportar o não saber talvez seja essencial o não evacuar isso. Acredito que pude sofrer e suportar o não saber porque contei com Elena, que também vivia esse desespero.

Penso, como já referi, que o diferencial de um tratamento psicanalítico é a construção de uma história na relação que possibilita acesso à versão própria do paciente de si mesmo. No tratamento de crianças, os pais nos contam a história do filho em sua versão. Construímos nossa própria versão da criança que, finalmente, encontraremos. (Prego Silva, 1985, comunicação pessoal) Essa é uma peculiaridade do tratamento de crianças e exige atenção do analista, para que o encontro com o paciente seja o mais verdadeiro possível.

Elena impôs à análise uma história própria tão intensa que as possibilidades de construções imaginativas do tipo reconstruções não eram possíveis. Eu me via tão ocupada com a tentativa de suportar, tentar elaborar e transformar em matéria útil para o trabalho as intensas emoções em campo que não havia espaço para busca de compreensão fora disso. Foi através das tentativas de descrição do que acontecia entre nós, da busca de escutar o que me contava sem saber que contava



ao fazer sentimentos tão intensos acontecerem e da luta por encontrar significado para isso na realidade de nosso encontro que fomos descobrindo a história de Elena por ela mesma. Assim, o que eu ouvia dos pais não chegava a ocupar o campo na medida em que pode acontecer. A vivência com essa paciente foi o que, predominantemente, dirigiu minha reflexão psicanalítica e norteou as formulações das interpretações. Elena me ensinou que posso acreditar ser a história da relação analítica o caminho mais fidedigno para a compreensão do que se passa com o paciente e, então, para ajudá-lo a viver melhor. Aprendi com ela, além disso, que o inconsciente se faz audível no calor da relação entre paciente e analista.

Elena, ao deixar a análise, era uma pessoa mais feliz. O longo e árduo processo com ela tornou-me uma psicanalista melhor, mais capaz de suportar a incerteza, a intensidade da vivência na transferência-contratransferência, mais capaz de acreditar na viabilidade do tratamento psicanalítico e do tratamento psicanalítico de crianças. □

Abstract

Is children's psychoanalysis possible?

Defensive manoeuvres against the painful psychoanalytic encounter are often used because of the difficulties in contacting the unconscious of any patient. With children, this may be expressed in some resistance to believe the unconscious strength in the determination of their acts, interactions, meaning attributed to their existence. Listening to a child from the psychoanalytic vertex entails the recognition of the strength with which they can reach us, but it is this unconscious communication that allows us to believe in the possibilities of the analytic instruments with these patients. Different technical resources are necessary to make children's ways of communication accessible to the psychoanalytic listening. The author postulates that it is this listening that builds and makes possible the psychoanalytic work even with these specific patients. This paper studies the theme through the analytic process of a little girl who initiated her analysis when she was less than six years old and was capable of provoking intense feelings of hate, despair and hindering on the analyst.

Keywords: Children's psychoanalysis. Children's psychoanalysis technique. Unconscious. Children's psychoanalysis resistances. Transfer. Countertransference. Children's analysis countertransference. Hate in the countertransference. Drawing use in children's psychoanalysis.



Resumen

¿Es posible el psicoanálisis de niños?

El contacto con el inconsciente, con el dolor, no es fácil con ningún paciente y muchas veces usamos medidas defensivas contra el encuentro psicoanalítico, tan sufrido. Con niños, tal vez esto se manifieste en determinada dificultad para creer en la fuerza del inconsciente en la determinación de sus acciones, interacciones, del sentido atribuido a sus vivencias. Escuchar a un niño desde el vértice psicoanalítico impone el reconocimiento de esa fuerza con que son capaces de afectarnos, al mismo tiempo que es esa comunicación entre inconscientes que posibilita creer en las posibilidades del instrumento analítico con esos pacientes. Recursos técnicos diversificados son necesarios para que las formas de comunicación posibles a los niños se vuelvan accesibles a la escucha analítica. La autora postula ser esa escucha lo que construye y posibilita el trabajo psicoanalítico también con esos pacientes específicos. En este artículo estudia el tema a través del proceso analítico con una niña que inició su psicoanálisis con menos de seis años y que desencadenaba intensos sentimientos de odio, desesperación y obstaculización.

Palabras llave: Psicoanálisis de niños. Técnica del psicoanálisis de niños. Inconsciente; resistencias en el psicoanálisis de niños; transferencia; contratransferencia; contratransferencia en el análisis de niños; odio en la contratransferencia; uso del dibujo en psicoanálisis de niños.

Referências

- ABERASTURY, A. (1979). *Teoría y técnica del psicoanálisis de niños*. Buenos Aires: Paidós.
- BARANGER, M.; BARANGER, W. (1961). La situación analítica como campo dinámico. In: *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman, 1969.
- FREUD, A. (1926). *O tratamento psicanalítico de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.
- _____. (1946). *O ego e os mecanismos de defesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- HERZOG, J. (2005). Los degradados: out, down, dead. *Int. J. Psychoanal.*, v. 86, n. 2, p. 291-310.
- HINSELWOOD, R. D. (1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- KLEIN, M. (1927). A neurose na criança. In: *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- LUZ, A. B. (1994). Para além das controvérsias científicas. *Revista de Psicanálise da SPPA*. v. 1, n. 3, p. 9-20.



Eneida Iankilevich

MELTZER, D. (1989). *Desenvolvimento kleiniano*. In: Desenvolvimento clínico de Freud. São Paulo: Escuta.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

WINNICOTT, D. W. (1947). O ódio na contratransferência. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 25/04/2011

Aceito em 25/05/2011

Eneida Iankilevich

Av. Taquara, 564/206

90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: eianki@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA